Ano I — Faro, 5 de Outubro de 1912 — Num. 50

O HERALDO

BI-SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

DIRETORES E PROPRIETARIOS:—LYSTER FRANCO E JOÃO PEDRO DE SOUSA

Avença

Administrador, — *J. P. Sousa* = Editor, — *L. Franco*
Publica-se ás quartas e sabados

Redação, administração, composição e impressão
Tipografia Democratica, Rua 1.º de Dezembro — FARO

ASSINATURAS: —Trimestre 500 réis = COMUNICADOS E ANUNCIOS: —Cada linha 20 réis. Para a 1.ª e 2.ª pagina contrato especial. Publicam-se todas as informações de interesse geral.

O DIA 5 DE OUTUBRO

A' REPUBLICA PORTUGUEZA, A' VOZ DA RAZÃO, AO SENTIMENTO DO PAIZ, AO EMANCIPADOR DO POVO, NÓS OS SAUDAMOS.

A' vergonha, á infamia, á vileza da monarquia, sucedeu em Portugal a mais esplendorosa Republica, esta Republica de sorrisos e esperanças, que, muito embora seja de dois anos, tão belos e apreciaveis exemplos tem dado ao mundo inteiro.

O dia 5 de outubro de 1910 foi uma deliciosa aurora de luz que caiu sobre o Povo portuguez e o despertou da velha indiferença e da miseria economica e moral em que vivia ha uns poucos de seculos. O Povo portuguez, que tinha em si, como todos os outros povos, a suprema força do estado, deixara-se no entanto manietar e oprimir, deixara que lhe restringissem todos os seus direitos e lhe roubassem todas as suas liberdades.

A devassidão, a imoralidade não tinha limites. O regimen de quasi oito seculos desmoronava-se, caía de podre, e a sordidez repelente dessa monstruosa instituição politica infecionava e conspurcava a nossa historia, que foi em tempos, aquela que descreveu maiores conquistas dentro da historia universal.

A monarquia portugueza foi sempre má, sempre, desde a batalha do Campo de Ourique. Nem poderia ser boa, porque, em geral, as monarquias, venham elas donde vierem, de qualquer tempo que elas sejam, teem consigo, por fatalidade, a mais triste sina: taes os seus defeitos, os seus erros, os seus crimes.

Esta é que é a verdade. Mas foi nos ultimos tempos que a velha monarquia portugueza poz a descoberto, ousadamente, as suas maiores traições. A familia real transformara-se numa quadrilha arrogante de delapidadores dos nossos tesouros. Eram eles os senhores, e nós, que tinhamos fóros nominaes de liberdade, nós a quem as outras nações invejavam as conquistas e descobrimentos, as batalhas e rotas do mar, a coragem e o espirito aventureiro, nós eramos os escravos! O nosso trabalho, o nosso sangue, a nossa vida e os nossos haveres, tudo lhes pertencia, porque tudo nos roubavam acanalhadamente, para ser consumido nas magnificencias, nas grandezas, na orgia dissoluta dos senhores do trono, que fizeram de Portugal um paiz de devassidão e de miseria.

Portugal, devasso e miseravel perante os faustos da sua intangivel realeza! Era este o espetaculo que ofereciamos aos nossos proprios olhos e aos olhos do mundo.

Só quando as coisas atingiram a proporção da maior desgraça, é que a voz dos poucos que protestavam se tornou ouvida da multidão;—e o Povo portuguez revoltou-se.

A revolução ninguem a poderia evitar, porque era filha da conciencia coletiva: significava um impulso irresistivel contra um regimen que só vivia de desonras e de baixezas.

Quizeram os destinos que, depois de se terem consumido quasi oitocentos anos de variadas situações monarquicas, entrassemos afoita e gloriosamente no regimen da Republica. Foi bem? Seria mal? Que o não digam só as nossas paixões. Ahi estão os fatos, que não deixam de se mostrar eloquentes e irrefutaveis. Hoje, que a Republica não é sómente um sonho, um desejo, uma grandiosa aspiração; visto que as circunstancias nos mostram aos olhos a mais franca realidade, já não é essa paixão que fala: dizem mais alto de sua justiça as obras do novo regimen, esses fatos admiraveis que tão exuberantemente nos demonstram que a Republica é superior á monarquia.

A Republica era uma necessidade: só ela podia obstar á nossa ruina, ao descalabro das nossas finanças, e desviar da lama, do vicio, da podridão dos seculos a dignidade politica e moral do povo lusitano.

A monarquia expirou de vez. Teve a sua epoca: apareceu com D. Afonso Henriques, o conquistador, e fez ao lado da nação uma jornada de muitos seculos. E se é verdade que na sua histo-

DR. AFONSO COSTA

O nome e o retrato do dr. Afonso Costa são hoje conhecidos de todo o paiz, desde a opulenta cidade libertadora até ás mais sertanejas e lastimosas povoações das provincias. Corram os leitores este paiz, do sul até ao norte, as bonitas e pitorescas aldeias do Algarve, as terras fanaticas do Minho ou as regiões escabrosas de Traz os Montes; escutem o Povo, ainda o mais rude, o mais despresivel, e por certo ouvirão de todas as bocas, assomando do coração aos lábios, o nome glorioso do imortal emancipador da conciencia portugueza. Entrem nas choupanas ou tugurios dos pobres, e em todos esses logares de miseria e de fome verão, pendente das paredes, o retrato insinuante do fervoroso apostolo dos ideaes democraticos. É que o dr. Afonso Costa, no seu nome e no seu retrato, sugere-nos a convicção de que, para se conhecerem e apreciarem bem os efeitos deliciosos da liberdade, é necessario ter experimentado os horrores do sacrificio e as algemas da escravidão: evoca-nos a recordação miseravel dos tempos criminosos e deleterios da monarquia, cujo trono caiu subjugado ao peso da lama, e traz ao nosso espirito a ideia sugestiva da emancipação e do amor. O nome vale uma epopeia, e o retrato creou no povo portuguez o culto de si mesmo.

O dr. Afonso Costa não é somente um chefe politico: é a legitima encarnação da atividade, da inteligencia e do patriotismo, que fizeram de Portugal um paiz digno de seus filhos e da sua historia. Todos lhe reconhecem extraordinarias vantagens sobre os demais estadistas, porque as tem realmente,—e n'esta qualidade todos o admiram; o povo portuguez adora-o, porque o dr. Afonso Costa cimentou com as suas leis a grandeza da revolução, tornando inviolaveis as instituições do novo regime, e rasgou do espirito d'este mesmo Povo a mascara nojosa das imposições dogmaticas da igreja, libertando-lhe a conciencia das iras do céu, das labaredas do inferno, das hipocrisias dos padres e das excomunhões truanescas de qualquer nulidade pontificia.

Mas na obra legislativa do dr. Afonso Costa não ha somente a viva expressão de um homem que procedeu sem tibiezas nem desfalecimentos na implantação da melhor liberdade do Povo,—não ha só encantos de forma, energia de vontade e patriotismo: ha tambem o restabelecimento da dignidade familiar e o amor pelos infelizes. As grandes leis d'este democrata emancipador são outros tantos padrões gloriosos da historia da humanidade, e, entre todas, ha uma lei que para nós representa a pedra basilar da Republica: é a lei da separação do Estado das igrejas, essa lei que não tem egual no mundo inteiro.

A superior inteligencia do dr. Afonso Costa, um dos maiores privilegios da natureza, deslumbrando-nos pelas mais explendidas cintilações, é para os portuguezes um manancial uberrimo de conquistas e de liberdades.

João Pedro de Sousa.

ria tem as mais lindas paginas que a humanidade podia conseguir, essas paginas maravilhosas que nos falam das conquistas e descobrimentos, não é menos verdade que tambem, sobre essas paginas, ha outras que nos aviltam, porque nos falam da perda das nossas colonias, da ruinosa administração dos nossos dinheiros, da restrição dos nossos direitos e liberdades, e outras que nos falam dos milhares de contos que nos roubaram as familias dinasticas, e do obscurantismo, da ignominia, da imoralidade, de tudo emfim que é mau e detestavel.

Hoje é admiravel, surpreendente, o viver desta Patria libertada. E acaso valerá contra nós, contra a fé ardente que nos inspira, contra a verdade, contra a razão,—acaso valerá contra tudo isto, a loucura, a mentira, a estupidez, o crime e a desonra dos traidores?—a reação canalha das toupeiras a quem se rasgou a mascara da infamia e da vileza?—a estulta hipocrisia de meia duzia de despeitados a quem o novo regimen tirou o prestigio da herança e da riqueza? Não! Esses constituem hoje a ridicula e quasi impalpavel minoria do Povo portuguez. Não pódem ter força, porque lhes falta o numero; não pódem ter vontade, porque lhes falta a razão.

Ainda ha quem seja afeiçoado ao antigo regimen, que era todo podridão e vicio, mentira e falsidade. Ainda ha quem na imprensa, nos tribunaes e especialmente nas igrejas pretenda incutir no povo a ideia de que a Republica portugueza não tem razão de ser, e que por isso não creará raizes nem passará dum simples capricho, uma inquietação momentanea do nosso espirito, um delirio de febre!

Mas existem esses tribunaes, esses pasquins, essas igrejas, porquê? Porque a Republica foi sempre generosa de mais. Devia calcar aos pés toda a escumalha, todos os escorpiões da nefasta sociedade monarquica, espesinhar a erva daninha, o joio. Mas, num impulso nobre de generosidade pelos vencidos, em vez de os prender aos pelourinhos, para rir, em gargalhadas, perante os esgares da sua morte, deitou-os apenas ao desprezo. E a muitos nem isso fez: conservou lhes a abundancia, as honras, os esplendores!

Fez mal. Nos pelourinhos esterminava-lhes a raça. Foi o que sucedeu aos da Companhia de Jesus, a esses abutres da consciencia, espelhos baços da educação, canalhas sem outra fé que não seja matar e roubar;—foi o que sucedeu a esses bandidos que tantos odios e rancores esvurmaram de si, nos momentos inglorios em que dávam ao mundo os tristes espetaculos das suas punições e martirios, especialmente esses vergonhosos autos de fé, onde, com o maior cinismo, faziam a cremação violenta das suas pobres vitimas, inocentes que depois de sofrerem os supplicios atrozes da inquisição, iam ali, á sua frente, a contorcer-se em vascas de dores, perante a beatitude cinica dos ministros de deus e perante as formalidades truanescas dum processo ritual, que era, todo ele, um conjunto de revoltantes hipocrisias.

No Palacio das Necessidades, nesse faustoso palacio a que os monarquistas chamavam ironicamente o Palacio das Necessidades, banqueteavam-se todos os dias, á nossa custa, os regulos do trono e seus sequazes,—essa quadrilha de corvos e milhafres, que em vez de nos administrar honradamente os nossos haveres e de disporem nobremente das nossas liberdades, pensavam em roubar o nosso pão e o de nossos filhos, e em cercear ou aniquilar os nossos direitos.

Mas esse regimen de crápulas, de desonras já passou. Nunca mais haverá senhores nem escravos. A Republica tem outra missão: acabará com os privilegios, porque, sendo um regimen creado á feição do povo, não pode consentir essas monstruosas e flagrantes desegualdades, que certamente constituem a maior devassidão na vida funcional do estado, e a maior afronta á dignidade dos homens.

Na monarquia, medravam os reis, a sua côrte, a sua camarilha, os seus ministros, os seus cumplices, todos, á nossa custa. Os ladrões, que era na verdade uma quadrilha funambulesca de ladrões, passavam os dias em festins grandiosos, onde as mais pequenas migalhas seriam a riqueza de muitos desgraçados, e entretanto cá estavamos nós a trabalhar, a moirejar, a refletir na indignidade dos nossos tributos, no futuro dos nossos filhos e na fome de tantos milhares de desprotegidos, que morriam ao desamparo, nos catres ou nas ruas!

A monarquia só nos deixou encargos. Tudo são dividas, e os cofres publicos estão exaustos. A Republica tomou sobre si um Himalaia de responsabilidades. Eis a razão por que a ninguem assiste o direito de dizer que a Republica ainda não poz termo ás desgraças do paiz. Não podia ser, porque não é em dois anos que um regimen consegue extirpar da nossa politica todas as suas fraudes e corrupções,—dos nossos costumes todos os seus erros e imoralidades;—da nossa administração economica todas as suas miserias.

A divida do estado, superior a 450 mil contos, é assombrosa. O paiz estava a saque. E isto não se corrige em dois anos.

E' absolutamente necessario trabalhar. Ninguem pense em que a Republica, por ser um regimen positivamente superior á monarquia, veiu para nós de seios turgidos e abertos, a trasbordar riquezas.

Não. A Republica está pobre; deixemo-la trabalhar desafogadamente; deixemo-la socegar, entregue ás responsabilidades que recebeu da monarquia; deixemo-la solver as suas dividas; deixemo-la enriquecer e depois, depois sim, que temos o direito de reclamar e exigir que nos melhore a situação.

A Republica portugueza nada custou a implantar, mas o que é preciso é que nada custe a manter. Sejamos pacientes e generosos. Tenhamos fé nas suas melhorias economicas, mas saibamos esperar.

Da miseria á opulencia vae um grande caminho, é uma distancia que as sociedades não percorrem bruscamente.

Cancioneiro do Povo

Sentei-me á porta da rua,
Ali me puz a pensar
No pouco que a gente vale
Quando nada tem que dar.

Beijos não matam ninguem:
Ás vezes até sucede
Que ao dar-se beijos a alguem
Esse alguem mais beijos pede.

Quem a mim me ouvir cantar
Julgará que estou alegre;
Pois tenho a alma mais negra
Que a tinta com que se escreve.

A BANDEIRA

Vermelha e verde! Como a bandeira da Republica é entusiastica e dominadora!

Apezar do vermelho exprimir a nossa viveza de temperamento e representar como que o sangue rutilo dos revolucionarios que calcaram aos pés a imbecil vaidade da realeza e a desmedida ambição da Companhia de Jesus, os dois escalrachos da humanidade; apezar do verde significar a esperança e nos trazer á mente as gloriosas travessias dos mares, — não é isto positivamente o que faz com que a bandeira seja sublime. Discutir as cores da bandeira nacional é prender o nosso espirito a uma futilidade, e os portuguezes, heroes, não devem alimentar a discussão de coisas futeis.

As cores podem fazer que a bandeira seja bonita e agrade aos nossos olhos. Mas que é isto para um grande Povo? Uma simples banalidade.

O que nós queremos é que a bandeira nos desperte o coração, nos emocione a vida, nos dê incitamento e nos sirva de sol, e aos nossos filhos. Não seja a bandeira um farrapo de lindas cores: seja antes um pedaço, um fragmento da nossa alma, um sudario da nossa coragem e dos nossos sentimentos.

A bandeira nacional, por ser vermelha e verde, não deixa de ser estetica. Mas que deixasse?! Quaes são os encantos fisicos da bandeira britanica, da alemã e da franceza? Nenhuns. As bandeiras são feias. E no entanto, uma d'essas bandeiras representa o vasto imperio da Inglaterra, outra os grandes voos da Alemanha, e a terceira o grande cerebro de que é dotada a França.

Andou o Paiz inteiro na discussão das côres que devia ter a nossa bandeira, e separaram-se duas opiniões distintas: Para uns, a bandeira portugueza devia ser azul e branca: era a opinião dos poetas, dos sonhadores, d'aqueles que tinham o cerebro subjugado pelo coração. E era assim que pensavam tambem os inimigos das novas instituições. Para outros, devia ser vermelha e verde: era a opinião dos revoltados, dos que amavam a liberdade, dos que sabiam indignar-se contra os simbolos da monarquia.

O governo da Republica levou grandes dias a resolver e a decretar o que logo nas primeiras horas se devera decretar. Não tinha o governo que preocupar-se com uma questão de côres. Quaesquer que estas fossem, a bandeira da Republica não podia deixar de ser aquela que o Povo escolheu, aquela que o Povo hasteou delirantemente nos dias da revolução, beijando-a, como se fosse o talisman que lhe havia de dar, poucas horas depois, um ar puro para os seus pulmões e um horisonte largo para a expansibilidade das suas aspirações:—ar e liberdade! A bandeira com que os primeiros revoltosos chamaram a si os que pretendessem libertar a Patria; a bandeira que as forças do exercito, da armada e o Povo hastearam, como sinal de que os portuguezes ainda tinham dignidade e queriam lutar por ela; a bandeira que, no meio de um entusiasmo de loucura, desfraldou vertiginosamente desde a capital ás povoações mais sertanejas do Minho, de Traz-os-Montes e do Algarve; essa bandeira que já antes da revolução irmanava os homens da Republica n'uma vida de sacrificios e abnegações, de revolta e esperança; a bandeira que era, a bem dizer, o sol que os aquecia e o clarim que os excitava; essa bandeira tinha que ser fatalmente a bandeira nacional. Escolher outra seria menosprezar os sentimentos do Povo e, o que era peor, seria profanar os tumulos dos heroes de 31 de janeiro e 4 e 5 de outubro.

A principio foi o simbolo de um partido intimorato, mas, desde a revolução, desde que se viu todo o paiz anciar por ela, apertando-a doidamente nas mãos e hasteando-a no ceo limpido da nossa Patria, já não é o simbolo d'esse partido: é o idolo de um povo inteiro, é o padrão da nossa liberdade e a garantia de um viver feliz.

Essa bandeira saiu casualmente vermelha e verde. Foi o povo que a creou, e o Povo decerto não pensava em cores. Como foram estas, podiam ter sido outras, excetuando apenas o azul e o branco, porque a bandeira azul e branca representava ideias e sentimentos opostos á causa da liberdade: não podia ser a bandeira de uma Republica, visto que o tinha sido da mais desregrada monarquia.

Azul e branco! Dizem os poetas que o azul é a côr do ceo e que o branco e a côr do luar. Mas que temos nós com o ceo e que temos nós com o luar!? Já dissemos que a bandeira se não creou para os olhos do Povo, mas sim para o coração, visto que é um fragmento da sua propria alma.

Todas as bandeiras nos serviam. Todas, menos a azul e branca. A revolução trouxe-nos uma era nova, e marca o inicio de uma nova aurora. Dizem que o Povo é hoje o que era hontem e dizem tambem que a bandeira azul e branca não era a bandeira da monarquia, mas sim a bandeira nacional.

Que digam tudo quanto quizerem. Do que ninguem pode duvidar é de que a psicologia de um povo livre é bem diferente da psisologia de um povo maneatado, e de que a bandeira asul e branca, falseada a sua genuina expressão, era a bandeira que meia duzia de bandidos, formando a seita criminosa dos cumplices da realeza, tinham roubado á conciencia nacional.

A bandeira azul e branca não era ao tempo da revolução a bandeira que traduzia o sentir e o querer dos portuguezes. Não! Nem se compreende que houvesse duas bandeiras a exprimir o mesmo sentimento e a mesma vontade, e que uma d'elas aguerrisse a outra. E' um erro aceitar a hipotese de que a nação lutava contra si propria. O que ela fazia era lutar contra os seus detratores, contra esse regimen que a vilipendiava aos olhos de todo o mundo. Se a bandeira azul e branca era a bandeira da nação, como se explica que a vitoria pertencesse á vermelha e verde? Como se explica que todo o Povo portuguez, em transportes de ruidosa alegria, beijasse a bandeira da Republica?

E' certo que a bandeira azul e branca tem consigo um passado glorioso, mas esse passado ia já longe ao tempo da revolução. Nos seus dois lados, estava escrita, a letras de oiro, toda a historia d'um Povo que até hoje não teve egual: era a traducção dos fastos gloriosos d'um Povo digno.

Mas a dissolvente monarquia dos ultimos anos, com as suas delapidações, com os seus processos infamantes, com a sua desvergonha, manchou de sangue e de lodo essa historia e então, o povo portuguez, cioso da sua dignidade, não podendo deixar de cuspir maldições, teve que a proscrever, e abriu outras paginas á historia, fez uma nova historia, e as suas paginas são as da bandeira vermelha e verde.

Vermelha e verde! Como a bandeira da Republica é entusiastica e dominadora.

Os jesuitas

A celebre ordem dos jesuitas foi creada em Paris, em 1534, confirmando-a Paulo III em 1540. Os primeiros geraes foram Santo Inacio de Loiola e S. Francisco de Borja.

Em 1585, a Inglaterra expulsou os jesuitas. Posteriormente, estabeleceram-se eles em diversos paizes. Clemente XIV, em 1873, dissolveu a Companhia, que anos antes fora expulsa de Portugal, da Hespanha e da França. Pio VII restabeleceu-a em 1814. Em 1880 foram os jesuitas banidos outra vez da França e já antes d'isso, em 1886 e 1870, haviam saido respetivamente da Hespanha e da Alemanha.

Pio IX protegeu-os muito, ao contrario de Leão XIII que apenas lhes restituiu alguns privilegios.

Velocidade da Terra

A terra, esta mole imensa que constitue o nosso planeta, realiza em 24 horas uma revoluçao completa sobre o seu eixo.

Não é facilmente compreensivel a extraordinaria velocidade que ela atinge No equador equivale a 125 leguas por hora.

O que é a vida?

Para o medico—uma receita.
Para o advogado—uma lei.
Para o militar—o toque da alvorada.
Para o poeta—um sonho.
Para os namorados—um engano.
Para o sabio—um problema.

Greuse, pintor francez do seculo XIII passeando uma vez com Diderot nas galerias do Louvre, sorriu-se do quadro que, na serie *Os sete sacramentos* de Poussin, representava o Matrimonio.

—Porque te ris?—perguntou-lhe Diderot.

—Porque não é possivel, por mais que se queira, fazer um bom casamento, mesmo em pintura.

Porque é que chamam cego a quem ama?

—E' porque os amantes, em geral, fazem como os cegos: apregoam as suas paixões pelas ruas.

O Bujamé é um irracional selvagem que não se domestica n'esta provincia.

ECOS E CONSIDERAÇÕES

Filosofia curiosa

Uma destas noites, andava um tipo celebre cá da cidade a cantar pelas ruas, e a certa altura dizia ele com muita graça:

—Quando se bebe muito vinho, dorme-se bem; quando a gente dorme, não faz pecados; quando se não fazem pecados, obtem-se a graça de deus, e quando se tem a graça de deus, vae a gente direitinha ao ceu. Logo, para ir para o ceu, é necessario ser bebado!

Provocações

El Liberal de Sevilha publicado no dia 29 de setembro, trazia uma extravagante noticia, redigida nos termos seguintes:

CORUÑA— «Um financeiro inglez, que acabou de fazer uma excursão em Portugal, declara que em breve a Inglaterra ocupará os portos portuguezes e a Hespanha as fronteiras. Impor-se-á uma regencia provisoria, que vae ser presidida pelo principe Mauricio de Batenberg. No caso de triunfar a monarquia,—acrescenta ele,—a Inglaterra e a Hespanha escolherão o rei que hade governar o paiz visinho.»

Quem será este refinadissimo tratante que se serve de tão baixos processos para difamar a Republica!?

Lastimamos que a vileza e a indignidade avassalem tantos informadores da imprensa, e achamos simplesmente reles a atitude de certos jornaes que, sabendo a verdade das coisas, teem empenho e certo prazer em a deturpar infamemente.

Palermices

O ex-rei Manuel deitou agora um manifesto aos emigrados portuguezes e á nação portugueza, proclamando que não se desinteressou da sua causa, que não abandona aqueles que o serviram com dedicação, que sempre continuará no seu posto, á frente do seu povo, para servir as suas aspirações de justica, de tolerancia, paz e ordem, taes como sempre as realisou a monarquia:

A causa monarquica não morreu em Chaves, em Cabeceiras de Basto e em Valença. A extensão do movimento foi dominada pelas manobras dos elementos terroristas, que são a unica força da Republica. E por fim, depois destas banalidades e muitas outras, afirma que sente muito orgulho em ser rei dos portuguezes e que nas suas mãos continuará sempre a erguer-se a bandeira azul e branca.

Isto é o que ele diz e será o que ele deseja, mas do lado de cá das fronteiras conhecem-lhe de mais as intenções, e por tanto cospem gargalhadas aos seus manifestos.

Ora o bruto!

Novo governador civil

Alguns oficiaes da delegação austriaca foram pedir ao seu ministro da guerra que usasse os meios necessarios perante o ministro dos negocios estrangeiros, afim de que este, por sua vez, interviesse amigavelmente junto do governo da Republica portugueza, no sentido de fazer com que o ex-oficial austriaco D. João de Almeida, preso na penitenciaria de Lisboa, seja tratado com mais atenções.

Ora, sabendo nós que o celebre conspirador já obteve licença para se dedicar a estudos literarios, para *ouvir missa* na sua propria cela, e para se sustentar com alimentos que lhe vão de fóra, parece-nos extravagante o desejo dos oficiaes austriacos.

Mas emfim, apertem sempre. Cá está o sr. Camacho que vae ter um logarsinho vago e portanto o póde fazer governador civil do Algarve.

Da opulencia á miseria.

O imperador da Russia ganha por dia 115 contos de reis, o da Austria 50 contos, o rei da Italia 30, o imperador da Alemanha 24, o rei da Inglaterra 22, o da Hespanha 20, o da Belgica 7, o da Dinamarca 4, e o da Servia pouco mais de 2.

Ao lado destes, o presidente da Republica portugueza apenas recebe 50 e tantos mil reis por dia.

O czar da Russia tem por ano mais de 40 mil contos, e o mendo protegido dos reis ainda recebe 830!

Por seu lado, o presidente da Republica portugueza apenas recebe 18 contos.

O czar da Russia ganha 19 contos de reis em cada hora, e o presidente da Republica portugueza 18 contos em cada ano!!! A desegualdade é flagrante, mas ainda assim o presidente da Republica portugueza ganha em 48 horas o que um pobre cavador recebe em 360 dias!

Cartas da Serra

OS GRANDES PINHEIROS DO RECANTO DA ESTRADA—A OENSIOADE DA SUA FOLHAGEM E OS RAIOS DE OIRO DO ASTRO-REI—AS SUAS SAUDAÇÕES E O SEU «ADEUS» SAUDOSO—AS VEDETAS DO PINHAL—PERFUMES E SONBRAS—PEDRAS, SEIVA E AROMAS VIVIFICANTES—AS GRANDES LOUSAS DE IGNOTOS HEROES—PRODIGIOS E PRODIGALIDADES DA NATUREZA—ARES LAVADOS E AGUAS LIMPIDAS—O VELHO CASARÃO DO BANHO E O CARATER MESQUINHO DAS CONSTRUÇÕES INSIGNIFICANTES QUE O NODEIAM—PRODUTOS RELES DA CONCEÇÃO HUMANA ENTRE ESPLENDORES E MEGNIFICENCIAS DA NATUREZA—CONSTATA-SE A AUZENCIA DA ESTETICA. VIELAS ESTREITAS E LAMACENTAS—UM QUADRO TENEBROSO—UM LABORATORIO MALFAZEJO—A HUMANITARIA TAREFA DAS ARVORES—A VISÃO IDEAL DA MONTANHA CIVILISADA—ARTE, NATUREZA, LUZ ELETRICA E MEDRONHEIROS—PLATANOS FREIXOS E SOBREIRAS—AINOA OS PINHEIROS DA ESTRADA—AS RUCHAS, SEU ASPETO E COLORIDO—OS BLOCOS DO FIM DO «RAMAL»—MUSGOS VELUDOSOS—OS GRANDIOSOS POEMAS DAS IDADES TRAGICAS, ETC ETC ETC.

Sobranceira á minha casa passa, a nascente, a larga estrada de Monchique, naquele recanto dominada por enormes rochedos sobre os quaes grandes pinheiros estendem para o ceo os seus longos troncos contorcidos.

A's horas de calma nem o astro rei consegue filtrar os seus raios de oiro através da folhagem densa desses velhos gigantes da flóra regional, destes magnificos exemplares do *pinus rusticus*, velhos amigos que nos saudam logo á chegada e que no impressionante momento da partida são dos ultimos a enviarem-nos o seu adeus saudoso.

Aqueles pinheiros dominadores e altivos são as vedetas do pinhal, que alastra por todos os cerros proximos, inundando-os de perfumes e de sombras.

Dir-se-ia que se abeiram da estrada impulsionados pela ancia de saudarem os viajantes.

Dominam ali por completo; crescem fortes entre grandes pedras; brotam cheios de seiva por entre enormes tumescencias rochosas, perfumando o ar com o seu aroma vivificante e em tal disposição se encontram que, a certas horas, chega a parecer que estão ali apenas para sombrear piedosamente as grandes lousas de ignotos heroes mortos em desconhecidos combates.

São lindos e garbosos aqueles pinheiros; são lindas aquelas rochas, como de resto é lindo tudo quanto a Natureza prodigamente nos patenteia nestas remotas paragens de ares levados e aguas limpidas.

Lindo e grandioso e taes qualidades fazem realçar sobremaneira o carater mesquinho das consiruções insignificantes que o *genio* do homem ali fez surgir ao redor do velho casarão do banho, onde tudo é acanhado e sujo e com um ar de tão degradante miseria que causa pena a olhos que saibam ver.

Que lastimoso é contemplar aqueles produtos reles da conceção humana a destacarem-se entre os esplendores e magnificencias da Natureza!

A estetica brilha pela auseucia e tudo são construções ridiculas, pretenciosas, de janelas irregulares e ignobeis num conjunto sórdido que revolta.

Vielas estreitas, lamacentas e imundas serpenteiam por aquelas passagens tenebrosas onde o desleixo e a incuria campeiam, fazendo de todo aquele povoado minusculo um malfazejo laboratorio que parece ter por fito contaminar de perniciosos miasmas a pureza do ar da montanha.

Mas è inutil, é esteril a sua daninha tarefa!

Por ali naquele lado, tambem campeiam as boas arvores laboriosamente ocupadas na sua humanitaria tarefa de oxigenar a atmosfera.

Algumas sobreiras estendem sobre aqueles mesquinhos telhados os seus troncos nodosos e grossos, talvez tomadas pelo desejo de ocultar a olhos profanos tanta sordidez tão amplamente patenteada.

Como seria linda a montanha se em vez destes casinhotes inesteticos sem ar nem luz, viessem povoa-la casinhas genuinamente portuguezas, com seu alpendre azulejado, suas janelas amplas e circuitadas por amplos canteiros onde as camelias, as japoneiras, os lirios e as hortenses ahrissem ao sol os sorrissos castos das suas corolas perfumadas!

Em vez de vielas e veredas cheias de poeira ou de um lamaçal tremendo amplos caminhos lançados de forma a facilitar o acesso ás grandes alturas e todos decorados com os graciosos arbustos da região em cuja garbosa falange vem em primeiro logar o medronheiro de folhas lanceoladas e de bagos que lembram pingentes de coral.

Como seria lindo poder caminhar impunemente a sombra fresca dos freixos, e das sobreiras e dos platanos que uma iniciativa previdente fizesse dispor á orla dos caminhos, e que sobre eles estendessem o seu folhedo caprichoso e recortado, formando longos tuneis de verdura, onde só raras luzernas penetrassem!

Depois a energia das aguas aproveitadas, feita luz, e ás noites que deslumbrante obstaculo ver a montanha toda florida em perolas luminosas de um brilho intenso e de um efeito fantastico, entre as grandes massas da vegetação luxuriante!

Seria a realização de um sonho de algum heroe das *Mil e uma noites*, tornado realidade, a alliança dos progressos da Civilisação com as peregrinas belezas naturuaes deste rincão encantador...

Mas falemos dos grandes pinheiros que dominam a estrada e que eu estou vendo da minha janela, agora mesmo, ao registar estas despretenciosas impressões.

A situação que ocupam,—erguem-se num recanto da estrada e sobre rochas enormes,—permite-lhe destacarem facilmente os seus vultos airosos e altivos da grande massa verde do arvoredo da mata e recortarem sobre o azul purissimo do ceu o sinuoso e elegantissimo perfil dos seus troncos encimados por esplendidas umbelas, cuja sombra fresca e ampla vae projetar-se sobre as grandes rochas que ali parecem amontoadas propositadamente por poderosos deuses gigantescos.

E' coisa digna de admirar-se o aspeto caprichoso e vario apresentado pelas rochas destas passagens.

Que inumeros problemas cientificos elas encerram nos seus vultos talhados em rustica escultura!

E não se julgue que aprezentam todas o mesmo colorido.

Não! ostentam cores varias cujas tonalidades variam até ao infinito.

Predominam os tons azues, de um azul neutro, tirante a negro, mas tambem as ha de tons rosados e outras lembram enormes blocos que tivessem sido formados com cristalisações de canela.

Algumas são brancas, outras de um azul palido, outras de um belo lilás, mas todas tão prodigiosamente equilibradas que parece bastar um leve impulso para despenha-las na profundeza escancarada dos abismos dos vales.

Mesmo no fim do *Ramal* ha trez ou quatro enormes blocos que parecem ali dispostos por mãos infantis, tal é a graça do seu agrupamento.

Sobre eles crescem musgos verdes, veludosos, e de tons esplendidos, formando um tapete prodigioso capaz de ofuscar toda a lendaria magnificencia dos rajás mais opulentos.

Lindas as rochas!

Encantadores estes grandiosos poemas de pedra compostos pela Natureza nas idades tragicas da formação da Terra!

Lisandro.

J. SILVA NOBRE
MEDICO-CIRURGIÃO
Ex-interno dos hospitaes de Lisboa
Garganta, nariz e ouvidos—Doenças das senhoras—Tratamento da sifilis e das sezões rebeldes pelo 606 de Erlich.
Clinica Geral—Operações
CONSULTAS A'S 11 HORAS
FARO

Jap cai é o tabaco predileto do *celeberrimo* Bujamé que habita nesta cidade.

INVERNO

Cae neve, a terra é fria, o vento corta.
Abre-me o seio, ó meu amor, assim,
Para que os vendavaes á nossa porta
Passem cantando o teu amor por mim.

Deixa nevar. A seiva, agora morta,
Torna a florir as sébes do jardim.
E' triste o sol? morre uma flor? Que importa!
A vida, amor, é uma canção sem fim...

Deixa bramir a ventania agreste,
Em breve a terra ha de florir em paz,
Em breve surge, ao alto, o azul-celeste...

A terra é egual ao nosso amor, verás...
Morre um dia, dos beijos que me déste,
Revive logo, aos beijos que me dás...

R. DE CARVALHO.

A REPUBLICA PORTUGUEZA

A Republica, nascida em Lisboa, numa ancia de liberdade, foi aceita por todo o paiz. Desde o norte ao sul, ninguem houve que a não recebesse num cantinho da sua alma: todos nós, os bons portuguezes, lhe demos um delicioso acolhimento, num delirio de paixão encandecida.

A Republica é sem duvida a melhor instituição politica. Ha uma ou outra Republica menos feliz e uma ou outra monarquia avançada, mas esses fatos constituem uma flagrante exceção á grande regra.

Em Portugal, a Republica tinha que ser, havia de ser fatalmente superior á realeza. Aconselhava-o a teoria do novo regimen, a dignidade, a fé politica e a suprema inteligencia dos homens que foram seus primeiros ministros.

Nem se compreenderia que uma Republica, fosse qual fosse o modo da sua organisação e funcionamento, se não afastasse, altiva e nobre, da podridão mefitica e do desprestigio canceroso que tão abertamente caraterisou a monarquia portugueza,—que era um regimen de latrocinios e falsidades.

A Republica fez-se num arranco de dignidade e foi aceita por todo o paiz. Não foi o acaso que a implantou nem foi a covardia que a manteve. O povo de Lisboa, cioso dos seus direitos e ferido na sua dignidade, proclamou-a, na inquietação vitoriosa da revolta, e logo o paiz inteiro lhe deitou o cimento do seu apoio fisico e moral.

A Republica está firme, talqualmente como a rocha que se levanta á superficie da terra. Quem a fez soube o que fez e os que a manteem hão de saber mante-la.

E' que Portugal está desperto e vigilante. Ahi tivemos a prova nesse gesto luminoso de defeza contra os arreganhos e ameaças dos traidorss que ao de lá das fronteiras sonham incursões e conquistas.

Ahi temos a prova nesse movimento nobilissimo do povo portuguez, este povo que todos os dias manda gravar nas paginas da sua hisioria, tão belas e tão grandes lições de patriotismo.

A Republica está firme. E' um tesouro que nos custou a ganhar e que, por isso mesmo, exige de nós todo o cuidado: eis a razão por que o povo portuguez não dorme. Aos tregeitos burlescos dos degenerados que teem a louca pretenção de reconquistar um trono de lama, o nosso paiz corresponde-lhes com um gesto de solidariedade repulsiva, mostrando-lhes, como sinal de prevenção, as paginas maravilhosas da nossa historia de grandezas belicas.

A's ameaças que lhe fazem, o leão responde muitas vezes com um simples olhar, que por si basta para infundir terror.

Os infames, os traidores, comprados pelo oiro da Companhia de Jesus, teem sonhado mil coisas para nos desassocegar. Mas enganam-se, porque para todas as suas novas esperanças lhes veem novas deceções. Socorrem-se de todos os meios, desde a mais torpe difamação na imprensa estrangeira, até á ideia praticada de reuniões provocadoras junto das fronteiras.

Mas para que servem as difamações caluniosas? Para que servem as manobras dos bandidos e assalariados?

Para nos roubarem a liberdade que se conquistou pela Republica? Para restaurarem a monarquia?

Não, porque é impossivel. As difamações caem pela base, ao primeiro sopro que as vulgariza, e as manobras de guerrilha nada mais significam do que exercicios truanescos de politiqueiros sem dignidade e sem amor pela patria.

São coisas que prejudicam levemente a nossa administração politica, mas só isto; e nada mais.

Um regedor... á altura

Um colega provinciano publica o seguinte documento enviado ao administrador do concelho pelo regedor de uma freguezia qualquer. Tratava-se de informar a repartição de estatistica:

«*Insolentissimo senhor.*—Incluso remeto a vossa insolencia a relaxação dos acontecimentos d'esta freguezia do ano findo, que acabou de findar em 31 do mez corrente.

Almas — Nenhumas, cá na freguezia ninguem acredita d'estas tolices.

Nascidos na freguezia — Nenhuns, porque a egreja só está aberta de manhã cedo. Cada qual nasce em sua casa, e apenas o filho da Tereza é que nasceu no trigal do Ferrador, por ela não poder ir mais longe.

Mortos na freguezia — Nenhuns; todos morrem nas suas casas.

Casas publicas — A do sr. padre prior e do sr. Fidalgo. Todas as outras são umas proves casernas ao pé d'aquelas.

Idiotas — Só o mestre escola, pois não ha cá outro que tenha mais ideias do que ele.

Suicidios—Um só: o do Pedro Zagal que morreu de um coice que lhe deu a besta do moleiro.

Contribuições — N'esta freguezia deve pagal-as os proves, porque os mais não teem com quê.

Cereaes — Aqui não ha mel, quanto mais cera. As abelhas são mais do que as abésporas. Emquanto ó resto apanha-se cevada e palha.

Gado bovino—O burro do juiz de paz, a mula do moleiro e as cabras das filhas d'elas.

Gado de outras especies — O porco do meu escrivão, alguns patos e galinhaas, e a rapaziada minda de pé descalço.»

DIA HISTORICO

5 de outubro

1385—Batalha de Valverde.

1584—Morre envenenado em Hespanha fr. Heitor Pinto.

1795—Bonaparte, nomeado general em chefe, metralha o povo francez.

1910—O Povo proclama a Republica em Portugal e nomeia um governo provisorio.

6 de outubro

1773—Nascimento de Luiz Filipe.

1840—A camara dos Pares de França condena a prisão perpetua o presidente da Republica Luiz Napoleão Bonaparte.

1848 — Revolução democratica em Viena de Austria.

1910—Realisam-se grandes manifestações de regosijo pela implantação da Republica em Portugal.

7 de outubro

1571—Batalha de Lepanto ganha por D. João de Austria contra os turcos.

1810—Tomada de Coimbra pelas tropas francezas.

1848—O imperador da Austria foge para Tirol.

1910—São capturados varios jesuitas em Lisboa.

8 de outubro

1813—Combate na passagem de Bidossôa.

1820—Morre assassinado Cristovam I, imperador de Haiti.

1840—Invasão da colera em Inglaterra.

1910—Repetem-se as manifestações de regosijo em Lisboa e em todo o paiz peja implantação da Republica Portugueza.

Vinhas, vinhos e prados
POR
A. VENANCIO PACHECO
Br. 600 réis.

AMOR E DESDEM

Adeus, Marilia amada! *Inda aqui vem?*
Sim, porque te quiz ver. *Quem o chamou?*
Como estás tão raivosa!... *Adivinhou!*
Mas eu não te fiz mal... *Nem me fez bem.*

Ah! quanto és adorada!... *Sim? por quem?*
Por mim, cruel, por mim... *Sou; pois não sou!*
Porém, és tão ingrata! *Ai! Acabou?*
Tal não deveras ser. *Se me convem!*

Tu fazes-me infeliz! *A culpa é sua.*
Não tens remorsos d'isso? *Não me importa.*
Marilia, isso é verdade? *Nua e crua.*

Meu Deus! que triste vida! *Um pouco torta!?*
Vou-me embora, Marilia!... *E' franca a rua.*
Adeus, tirana, ingrata! *Feche a porta.*

SEVERIANO DE AZEVEDO.

A SEPARAÇÃO

Fala-se muito na separação do Estado das igrejas. Muitos não sabem no que consiste, e muitos outros sabem o que é, mas dizem velhacamente o que não é. Aos primeiros, que são ignorantes, desculpa-se-lhes. Aos segundos, que são hipocritas e perversos, não se lhes perdoa o fingimento e a maldade.

O homem que vive do carcere, que quebra as algemas, que vence todos os obstaculos e vem para a rua, *liberta-se*; o escravo que chega um dia a compreender quanto vale, quanto é grande a sua força, e que, por este motivo, se desvincelha do senhor, *liberta-se* tambem.

Ora, a igreja, apoiada nas suas velhas tradições, interfere ainda, de modo indireto, na vida do Estado. O seu espirito reacionario e mercantilista, a sua intolerancia, que não tem egual, a sua hipocrisia, que não tem limites, definhavam o nosso temperamento, empecilhavam a nossa energia, prendiam-nos os pés e as mãos, enegrectam-nos o cerebro e a inteligencia.

O povo era soberano—assim o dizia o direito politico, assim o proclamava a celebre Carta Constitucional.

Mas que soberania era essa que o povo tinha, esmagado perante a realeza e perante a religião dos padres!?

Hipocrisias e falsidades desse velho regimen, fingimentos que a Republica não tolera!

Na Republica sim, que o povo é soberano: nem ha despotas que lhe imponham leis, nem ha religiões que lhe imponham crenças. Implantando a Republica, o povo portuguez acabou com os despotas; separando o Estado das igrejas, tornou livre a sua consciencia.

Não mais terá deante de si o espetro da igreja, a impor um sentimento, uma ideia, uma crença, quaesquer principios ou praticas religiosas.

O Estado, separando-se das igrejas, tornou mais livre e mais digno o seu povo. E quem não aceitar de bom grado a separação ou quem maldisser e desdenhar das suas virtudes, é porque não compreende bem o que seja a dignidade dos homens, visto não compreender que é impossivel chamar-se livre a um homem que não tenha livre a sua consciencia.

Era decerto uma afronta á nossa dignidade a vil circunstancia do Estado nos obrigar a ser catolicos ou, pelo menos, a cometer certas praticas da religião catolica, taes como o juramento nas camaras, nas escolas, no exercito, na marinha, nos tribunaes, etc, o registo do estado civil, que em regra se fazia nas igrejas, o respeito e a obediencia aos dogmas, e tantas outras coisas, proibindo-nos o culto externo das demais religiões, caso o nosso espirito e a nossa razão propendessem para elas.

Mas o Estado ia mais longe: até nos obrigava a contribuir para a sustentação e vaidade do clero.

Devia fazel-o?.. Não! Era realmente condenavel que quem não quizesse recorrer aos padres, em qualquer das muitas conjunturas da sua vida, tivesse de lhes manter as necessidades e os caprichos. Um cidadão a ter-lhes odio e a ser obrigado a levar junto deles um pedaço, ás vezes o melhor pedaço do que tanto lhe custara a ganhar e de que os seus filhos tanto precisavam, era positivamente o que havia de mais injustificavel.

Separar o Estado das igrejas não é perseguir os padres, nem ofender a religião, nem menospresar a igreja. Pelo contrario. Se é verdade que a separação desonera e torna livres os que não seguem a religião catolica e os que não seguem religião alguma, não é menos verdade que presta á igreja um importante beneficio, pois que, não proibindo a fé e o culto interno da religião catolica, seja a quem for, promove a distinção de dois campos: os catolicos e os não catolicos. E então, aqueles que continuarem a seguir os preceitos da igreja de Roma, serão catolicos: a igreja póde contar com eles, póde incorpora-los na estatistica dos seus adeptos. Desses é que a religião, a igreja e os padres teem tudo a esperar. Dos outros, nada.

Efetivamente, não é pela força das armas nem pela tirania das leis que se torna catolico este ou aquele povo. E' por isso que os padres e a egreja se não devem socorrer do Estado, para que mantenha sob a designação de catolicos aqueles que o não querem ser. Os padres que trabalhem, que vivam á sua custa, e não á custa da tolerancia dos povos ou da sua indigna submissão perante as armas e as leis que impõem crenças.

O Estado deve ser neutral no meio dos diferentes cultos. Tenha cada um a religião que quizer, não tenha nenhuma.

Este sistema de neutralidade em materia religiosa é que constitue a *separação do Estado das egrejas*. O Estado não deve impôr crenças nem cultos religiosos de qualquer natureza, mas deve, apezar de tudo, precaver-se contra os abusos que as diferentes religiões possam cometer.

FILOSOFIA PESSIMISTA

A FRATERNIDADE

(De Felix Dantec)

—*—

O instinto de conservação reune todos os atos necessarios pelos quaes se intensifica a vida de um individuo.

Todos esses atos são *necessarios;* todos são egoistas porque concorrem para a conservação de uma vida individual que é uma luta contra os fatores ambientes.

E isto tem sido uma verdade em todos os tempos; para um individuo isolado, vivendo pelos seus proprios meios, nós temos o direito de supôr que este instinto egoista compreendia toda a atividade pessoal. Foi d'este instinto egoista predominante que sairam os primeiros laços sociaes; quando o individuo não consegue viver pelos seus proprios recursos, alia-se aos seus congeneres para lutar contra os inimigos comuns.

A ideia de aliança foi a primeira fórma da união dos primeiros laços afetivos; foi n odio de um inimigo comum que a fez nascer, ou, pelo menos, a defeza contra um inimigo comum. E como as primeiras alianças, foi naturalmente nas alianças de familia que nasceu primeiramente a ideia de amizade.

Um sentimento anterior facilitou o estabelecimento d'estas relações de amizade, foi a ternura da mãe pelos seus filhinhos.

A ternura maternal existe nas especies não sociaes, pelo menos entre os mamiferos e os passaros (porque ela é desconhecida entre os animaes cujos ovos abrem sem gestação ou sem incubação); é sem duvida uma consequencia da gestação ou da incubação ou da alimentação pela mãe na infancia.

Mas entre os mamiferos não sociaes, a ternura maternal não persiste após o momento em que os novos se tornaram assás crescidos para viver por si proprios; no homem, os irmãos tornam-se aliados ao crescer; a ternura materna, comum a todos na infancia, continua-se até á edade madura, e é a base de um laço afetivo que se torna geralmente mais forte entre irmãos e entre quaesquer outros aliados; a ternura fraternal resulta de um habito contraido na edade mais tenra, e estes habitos são os mais fortes de todos.

Ora elas não excluem a possibilidade de uma luta, de um odio, de uma rivalidade entre irmãos, seja por questões de interesse pessoal, seja como consequencia de uma atração sexual commum.

E se esta *fraternidade entre irmãos*, se esta fraternidade inicial e que serve de modelo á fraternidade entre associados não é suficiente para crear uma associação perfeita, como se poderia esperar um resultado eficaz da fraternidade entre cidadãos?

Interesses opostos bastam as mais das vezes para dividir aqueles que, tendo mamado o mesmo leite, teem habitos inveterados de reciproca ternura; interesses comuns bastam tambem para aproximar, enquanto esses interesses comuns estão em jogo, gente que, fora desse interesse commum momentaneo, não tem nenhuma atração nns pelos outros.

Alianças contraidas contra um inimigo criam por vezes duraveis laços de ternura; o reconhecimento por um serviço prestado cria, entre os melhores homens, um dever que persiste depois de terem deixado de estar em jogo os interesses que os originaram, mas o reconhecimento é pesado para muitos homens que alijam de boa vontade esse fardo, emquanto aqueles que prestaram o serviço teem frequentemente, pelo contrario, uma tendencia a exagerar a dose de reconhecimento á qual se julgam com direito.

Somado tudo, os fatores afetivos não parecem capazes de servir de base a uma sociedade duravel.

Os proprios apostolos da fraternidade universal estão cheios de odio contra os que não partilham a sua maneira de ver, que não são seus aliados na campanha de amôr empreendida.

O que cria laços solidos entre os homens é a existencia de um interesse commum a conseguir ou a destruição de um inimigo commum; e como a especie humana, senhora do mundo, não tem inimigo valioso a combater, a fraternidade de todos os homens parece-me uma utopia tanto mais inverosimil quanto é certo que, por causa das limitadas dimensões do nosso planeta, os diferentes grupos humanos teem fatalmente interesses opostos.

A fraternidade, ordinariameute dissimulada sob odios e rivalidades, manifesta-se no momento de um perigo commum, e então todos se tornam irmãos tanto mais afeiçoados uns aos outros quanto maior seja o perigo a afrontar.

O habito da hipocrisia, sempre tão assinalado na historia evolutiva do homem, permite a generalisação deste erro: a fraternidade, base das sociedades; mas basta observar, sem paixão as tremendas lutas da humanidade para que sejamos forçados a pôr de remissa tão sedutora utopia.

Citam-se casos de amizades heroicas que resistiram a conflitos de interesses mas basta o fato de os citarem como fenomenos para avaliarmos a sua raridade.

A afeição fraternal é a exceção; o odio, o ciume, a inveja ou a indiferença, a regra...

Lyster Franco.

CONVERSANDO...

—Saude e Fraternidade, *Zé Bronco!*

—Viva, *cedadão*, *democrata!*

—Então?—Que me dizes do novo regimen? Da Republica?

—Digo que *nan* é aquilo *que é umagenava.*

—Não é o que tu imaginavas!? Então que imaginavas tu da Republica?

—*Munta* coisa *que é nan umagino* agora.

—Então explica-te.

—Lá vae: *Umagenava* que vindo a *Repuvleca*, os *homes proves* passavam a ser ricos e os ricos passavam a ser *proves*. *Umagenava cas* servas passavam a senhoras e *cas* senhoras passavam a ser servas. *Umagenava cos doitores* passavam a cavar batatas e que cá a gente é que passava a tomar o pulso a eles; e em vez de *prugántes* dava-se figo torrado quente, que faz andar as tripas *pra* baixo e *pra riba*, *pra riba* e *pra* baixo, como os *alcatruzios* que *óspois van* fazer o *sé* despejo no centro do taboleiro do *angenho*. *Umagenava ca* gente se punha de barriga *pró* ar, á espera *ca* comida nos entrasse na boca, sem a gente ter que *travalhar*. E *afenal* de contas *nan açucedeu* assim. Cada vez se ganha menos e o *travalho* é mais.

—Desastrado inconciente! Pois tu julgavas todos esses disparates proprios das novas instituições?

—Que raio de bixo é esse de *instrinvicabeções?*

—Ins... ti...tui...ções. Forma de governo. Escuta. *Zé Bronco.*

A Republica é um regimen que não dá, é certo, dinheiro a quem precisa dele; mas tambem não o tira a ninguem. E' uma forma de governo que respeita os direitos...

—Então os tortos *nan san* respeitados!?

—O' homem! Vê se me compreendes.

Eu refiro-me aos direitos do cidadão.

—Ai!... os *deretos do cedadão!*... Eh! Eh! Eh!.. iem *patada!*

—A Republica é uma forma de governo que o povo é que a determina. Na Republica governa o povo. Só o póvo é soberano.

—E' boa! Só agora é que *é cá* vou *comprendendo.*

—Na Republica, os ladrões são punidos com rigor, enquanto os homens dignos e honrados são escolhidos para os cargos de maior responsabilidade.

—Com sua *lecença cedadão. Vomecê nan* me venha com *endrómenas*: Se nos logares da *Repuvleca* estão *homes* dignos e honrados, como é que me explica a razão dos empregados da Fazenda me chuparem um cruzado por cada passagem que *é* vá lá fazer?—Veja lá se póde descalçar este bute:

A semana atraz fui *é* e mais os meus *irmões liquedar* a nossa herança e *acabedou* a cada um *dose mé reis*. E sabe quanto levaram os *homes honrados* lá na *repartição*?

—Tu dirás.

—*Tres mé reis* cada um.

—Cometeram um roubo e defraudaram a Fazenda Nacional. Disso não é culpada a Republica, mas sim os homens que a *dirigem*, por consentirem taes ilegalidades. Mas resigna-te, porque já demorou mais o saniamento de todas as podridões que ainda nos ficaram da monarquia.

—Se assim for... olharei com bons olhos para a *Repuvleca.*

—Olha Zé *Bronco*:

Na Republica radical, que é para a que nós devemos trabalhar com toda a abnegação, não se reconhecem nobrezas. O sangue azul, sangue dos que tinham e teem brazões nas portinholas das suas faustosas carruagens, passou á historia, e os pergaminhos da alta *sucia...dade* foram para as sargetas. Na Republica radical todos são eguaes Apenas as mentalidades se destinguem e essa distinção é justa.

—E' *mesmo* isso que me convem e agrada. Palavra que estou gostando de ouvir o *cedadão.*

Acardite que nunca *nenguem* me falou assim. Nunca senti tamanha alegria na minha vida. *Inté* senio vontade de chorar e rir *ó memo* tempo, por ver que ainda ha bons portuguezes!

Olhe *cedadão* conte com o Zé *Bronco*, que tambem é radical.

—Não esperava de ti outra coisa. O nosso paiz está no principio de um florescer que nos orgulha desde que nasceu uma petizinha linda como os amores e vermelha como as papoilas viçosas que entre as cearas se baloiçam dolentes, embriagadas pelos beijos apaixonados dos silfos.

Cumpre-nos a nós, que somos as sentinelas vigilantes da Republica, a troco da propria vida, cruzar armas até com os nossos irmãos degenerados, cegadores ambiciosos, para que com os seus desmandos e sentimentalismos fingidos não inutilisem nem emporcalhem a obra sublime que nos tornou independentes, quebrando-a grilheta infamante que nos humilhava aos olhos das nações civilisadas.

Defende sempre a Republica, *Zé* amigo. Defende sempre a Republica, e foge dos impostores que tentavam iludir-te na ancia de voltarem ao antigo.

—Descance *cedadão* democrata. Descance porque o Zé *Bronco* não é *tam* parvo como eles *umaginam* e já não adormece com cantigas.

—Fica em paz bom amigo e olho álerta!

Velino.

A MULHER

—*—

Definir a mulher é coisa extremamente dificil, porque se torna impossivel dissecar-lhe o coração. Vamos ver se, com as definições que tentamos apresentar, os nossos leitores se conformam. Se qualquer das definidas se julgar lesada, que reclame, e nós desde já prometemos atende-la e com todo o gosto publicaremos a autobiografia que tiver a amabilidade de nos enviar.

Uma coisa pedimos: é que se não olhe de animo leve para o nosso trabalho, que muito nos custou a elaborar.

Assim, a mulher é:

Aos doze anos, um simples botão de rosa, candida e virginal;

Aos treze, um sorriso tão viçoso e puro como o rosicler das auroras primaveraes;

Aos quatorze, uma leve e harmoniosa canção de amor, ouvida ao despertar de um sonho;

Aos quinze, um hino entusiastico, infiltrado do mais doce e admiravel sentimento;

Aos dezeseis, um sol, cujos satelites são a graça, a beleza, a poesia e a musica;

Aos dezesete, uma perola brilhante engastada n'um ceo de virtudes;

Aos dezoito, um poema lirico enredado de mil beijos ardentes, cordeaes e abençoados;

Aos dezenove, a mais tenue e artistica filigrana, saida das niveas mãos de uma fada;

Aos vinte, a viridencia de uma triunfante mocidade, posta ao serviço do bem;

Aos vinte e um, o ninho acalentador de um coração amado;

Aos vinte e dois, o encanto, o extase de todos quantos possuam a justa compreensão do belo;

Aos vinte e tres, a fama altiva, a levantar os mais arrojados vôos;

Aos vinte e quatro, a instrumentação completa e harmonica de todos os sentimentos;

Aos vinte e cinco, o balsamo suavisador das feridas mais acerbas do coração;

Aos vinte e seis, uma rosa a que naturalmente começam a cair as petalas;

Aos vinte e sete, a modorra de uma tarde serena e perfumada de verão;

Aos vinte e oito, a impaciencia tornada paciencia ao mais ligeiro esvoaçar de uma esperança;

Aos vinte e nove, o despertar maguado de uma duvida cruciante e mal definida;

Aos trinta, a harmonia da mais linda balada ecoando em vale ermo e profundo;

Aos trinta e um, o repositorio inexgotavel dos mais incompreensiveis anceios;

Aos trinta e dois, a ultima edição, extropiada de um romance que fez epoca;

Aos trinta e tres, um crisantemo agradavel á vista, mas sem perfume;

Aos trinta e quatro, o mais versatil girasol, acorrentado ao giro de todos os dias;

Aos trinta e cinco, a mais cruel traição, denunciada pelo primeiro cabelo branco;

Aos trinta e seis, uma lagrima despertada pela mais profunda e amargurada tristeza;

Aos trinta e sete, um ponto de interrogação, cuja resposta não é facil;

Aos trinta e oito, um dia chuvoso carregado de denso e frio nevoeiro;

Aos trinta e nove, uma triste camelia usada durante a loucura de tres bailes sucessivos;

Aos quarenta, o crepusculo, de braço dado com a tristeza da noite;

Aos quarenta e um, uma saudade vaga de tudo quanto a mocidade arrebatou;

Aos quarenta e dois, uma lira bem trabalhada, mas sem corda alguma;

Aos quarenta e tres, um livro estragado, com paginas amarelecidas de fumo;

Aos quarenta e quatro, o mata-borrão de todas as ilusões da vida;

Aos quarenta e cinco, a guilhotina da sexualidade;

Aos quarenta e seis, a visão mais tetrica da sexualidade;

Aos quarenta e sete, o vento que se transforma n'um terrivel furacão;

Aos quarenta e oito, o purgatario mais tenebroso da vida;

Aos quarenta e nove, um inferno de esperanças e um inferno de crueis anatemas;

Aos cincoenta, o adeus bem compreendido para a sonolencia da velhice.

O BOM SENSO

E' impotente o temor de Deus contra as paixões.

Os homens, na sua maior parte, raras vezes pensam em Deus, ou pelo menos pouco se preocupam com ele; a sua idea é tão pouco fixa, ou aliás tão mortificadora, que não póde deter a imaginação por muito tempo, a não ser a de alguns melancolicos, que não constituem um grande numero dos habitantes do mundo.

O vulgo nada concebe, o seu cerebro confunde-se logo que quer pensar.

O homem de negocios pensa unicamente nos seus negocios, o cortezão nas suas intrigas; e a gente do mundo, as mulheres e os moços, em seus prazeres.

E d'este modo, apagam-se bem depressa em todos as fadigantes noções da religião.

Quanto aos desregrados e devassos, avaros e ambiciosos, afastam cuidadosamente de si outras especulações muito mais fracas para contrabalançar ás suas varias paixões.

A quem pois se importará a idea de Deus?

A alguns homens extenuados, tristes e desgostosos do mundo, a pessoas em quem as paixões estão amortecidas pela idade, pelas enfermidades ou pelos golpes da fortuna.

A religião é um freio só para aqueles a quem o temperamento ou as circumstancias tem obrigado á aceita-la.

O temor de Deus impede o pecado, somente aos que não se inclinam demasiado para ele ou que se não encontram em estado de o praticar.

Dizer ao homem que a divindade castiga n'este mundo os crimes, é avançar uma fraca proposição que os fatos a cada momento contradizem.

Ordinariamente os peores são os arbitros do mundo e aqueles a quem a fortuna mais sorri e cumula de beneficios.

E então para nos convencerem do juizo de Deus, mandam-nos para a outra vida, levando-nos a fazer conjeturas, para desiruir fatos de que ninguem póde duvidar.

Para impedir o mal tambem não é menos absurda a invenção do inferno.

Quando alguem se encontra preso fortemente por objetos do mundo, não pensa na outra vida.

Aos olhos d'um amante apaixonado, o fogo do inferno, é os seus encantos, apagam todos os enlevos do paraiso.

Mulheres! deixaes o vosso amante pelo vosso Deus?

Se o deixaes, é porque ele deixou de ser a vossos olhos o que antes era, ou porque ele vos deixou e precisaes encher o vacuo que fez no vosso coração.

E' muito frequente ver ambiciosos, perversos, corruptos e devassos que se dizem religiosos, e se não praticam religião, prometem pratica-la algum dia, pondo-a de reserva, como um remedio que cedo ou tarde lhes ha de ser preciso, para se tranquilisarem do mal que ainda teem tenção de fazer.

No partido dos beatos e dos padres, por ser muito numeroso e ativo, não é para estranhar que se vejam velhacos e marotos, que vão procurar n'ele o seu apoio, para atingir seus fins

Sem duvida nos dirão que ha gente muito honesta, sinceramente religiosa e desinteressada.

Mas a retitude do coração é sempre acompanhada de luzes?

Citam-nos um grande numero de sabios, que teem sido muito dedicados á religião.

Prova isso que os homens de genio podem ter prejuizos, podem ser pusilanimes, podem ter uma imaginação que os seduza e impeça de examinar as cousas a sangue frio.

Pascal não prova coisa alguma a favor da religião; o que prova é que um homem de genio póde ter um ponto de loucura, e que, para escutar prejuizos, ele não passa de ser uma creança.

Padre João Mesliер.

RECORDAÇÕES

A ROTUNDA EM 1910

Para os espiritos que, professando um ideal avançado e lutando desesperadamente por que ele seja uma realidade, vivem sedentos de sensações novas, nada de mais emocionante, nem de mais entusiastico do que a resolução pelo fato.

E' sem duvida nesses momentos de revolta que o homem se desmascara e que, pondo de parte a etiqueta e os preconceitos de uma sociedade palaciana, se mostra tal qual é: bondoso ou selvagem, valente ou coharde!

A revolução de 5 de outubro de 1910 não foi um ato de força, nem de desespero, mas sim a mudança quasi brusca do regimen monarquico para o regimen republicano, da escravidão para a liberdade; porque o povo já suficientemente informado das mazelas da monarquia tinha aberto o seu peito canceroso e anciado por um regimen mais racional mais logico e mais equitativo, tinha, havia muito tempo já, abraçado com calor as ideias novas, espalhadas pelos caudilhos da Republica.

Assim, se algum sangue se verteu, foi apenas o necessario para se poder chamar Revolução ao periodo anormal em que tanto a Republica como a monarquia estiveram periclitantes. E ao lembrarmo-nos das *nuances* por que passámos durante esses momentos revolucionarios, recordamos com saudade os companheiros que tiveram a felicidade de morrer combatendo pela Patria.

Gloria aos mortos!

*

O dia de hoje marca com letras aurifulgentes, nas paginas da nossa incomparavel historia mais uma gloriosa *étape* no caminho do progresso e da civilisação e faz-nos recordar e reviver o tempo decorrido de 4 a 5 de outubro.

Nas horas mais acesas do combate viamos passar como em visão, por entre o espesso fumo da polvora, a imagem sorridente e meiga da Victoria que nos indicava o caminho a seguir e nos incutia coragem! Mas em compensação, nos momentos em que tentavamos descançar e durante os quaes os revolucionarios civis, com uma abnegação inolvidavel, nos socorriam trazendo-nos comida e tabaco, pensando nós na familia ausente, nos pais, nos irmãos, nas mulheres e nos filhos, concentrando o nosso pensamento no que de mais terno a Duvida nos pungia e no que o futuro nos reservava, n'esses momentos que se vivem uma só vez na vida, nós viamos passar, quaes imagens de caleidoscopio, todos os horrores, miserias e dores, do desterro ou do exilio.

Quando estes tristes pensamentos nos assaltaram mais, foi quando no dia 4 nos vimos quasi desamparados, porque todos os oficiaes que comnosco tinham ido para a Rotunda para vencer ou morrer, tinham desaparecido! Todos, excelo um: Machado Santos. Os outros, enganando-nos voluntariamente com a promessa de irem caminho de Santarem encontrar-se com artilharia 3, que constava nos vinha atacar, serviram-se de um dos nossos automoveis para fugir á vergonha da derrota!

E deixamo-los... *desaparecer*! Mas enfim, tinhamos um homem no qual podiamos confiar, e taoto que depois d'ele tomar o comando da Legião Revolucionaria, o caos e a confusão que reinava no acampamento desappareceram para dar logar á ordem e á disciplina, no que o heroe foi valentemente secundado pelos 1.os sargentos Encarnação e Santos e pelos 2.os Matias, Tereno, Pimentel, Feio; Silva, Regio e Manuel Tavares Grelo. 1.º cabo telegrafista chefe da estação de Artilharia n.º 1. Nove valentes. Nove portuguezes que deram animo a perto de cem homens, que eram pouco mais ou menos quantos no dia 4 se mantinham firmes no acampamento, esperando a morte ou o desterro, porque as noticias pessimistas, que levaram os oficiaes a abandonarem o invencivel baluarte da Republica, que a todo o momento chegavam á Rotunda, eram bem de molde a desanimar-nos e a fazer-nos perder a esperança da victoria! Foi então que nós lembramos da barricada, para trocarmos cara a nossa vida.

Ah! mas por sobre as nossas cabeças pairava altiva a razão, a justiça e o justo protesto de uma escravidão inconcebivel. Do nosso peito brotavam ardentes centelhas de um amor puro e desinteressado por esta nossa pequenina e querida Patria, que através de tantos sacrificios tem conseguido manter-se independente e livre. E nós, pequenos obreiros do progresso puzemos toda a nossa alma, todo o nosso esforço na obra grandiosa que hoje festejamos e da qual orgulhosamente nos gloriamos, porque não ha maior satisfação do que a do dever cumprido.

Viva a Patria! Viva a Republica!

José Domingos Lopes.

O REGISTO CIVIL

Acima das crenças religiosas, do vulgarismo, da ignorancia, deve estar a luz, a inovação, o progresso. Não queriamos o registo paroquial, porque, na teoria e na pratica, era o que havia de mais caótico e vergonhoso. O registo civil é uma instituição que tem pôr fim, para a devida segurança e plena certeza nas relações da vida social, demonstrar a existencia dos principaes elementos constitutivos do estado ou situação juridica das pessoas. E já que assim é, não nos podiamos evidentemente sujeitar aos processos ilegaes e perniciosos que os padres costumavam usar.

O registo paroquial, tendo em si um conjunto assombroso de condições que as leis canonicas estupidamente exigiam para a celebração dos diversos atos da vida, tinha ainda, quanto à generalidade dos parocos do nosso paiz, um irrito desmazelo no cumprimento das leis, o que altamente prejudicava os interessados.

O registo paroquial era embaraçoso pelo conjunto de formalidades que o antecediam, e alem d'isso, tal como se realisava, constituia um perigo manifesto para as garantias sociaes que o registo se propoz estabelecer.

MUNDO EM FÔRA

Pelo estrangeiro

O *Deperdussin*, monoplano oferecido pelo coronel sr. Albino Costa ao exercito portuguez, foi de novo experimentado com exito.

— Abalroaram no Danubio, perto da Hirsovia (Roumania) um vapor hungaro e uma chalupa, morrendo afogados o coronel Streosco, o major Grogorof, tres capitães, um medico militar e tres tenentes.

=E' hoje lançado ás aguas, em Livorno, e entregue oficialmente, o submarino portuguez *Espadarte*, construido nos estaleiros da casa Orlando.

= Faleceu o dr. José Petacci, medico assistente do Papa.

= Perante o conselho de guerra de Varsovia compareceram ha dias quatro individuos, acusados de terem vendido á Alemanha documentos relativos á mobilisação do exercito russo. Um d'eles foi condenado a quatorse anos e meio de trabalhos forçados; outro, a quinze anos da mesma pena, e os dois restantes absolvidos.

= Dizem de Belgrado que n'uma das ultimas noites uns funcionarios aduaneiros, ao fazerem uma ronda, encontraram em territorios da Servia' seis soldados austriacos comandados por um tenente, os quaes foram presos por espiões.

= Por noticias vindas de Turim, sabe-se que no aerodromo de Mirafiori, o alferes aviador Ragazzoni caira do aeroplano que tripulava, morrendo estantaneamente.

Pelo paiz

Deve chegar brevemente a Lisboa o ator Max Linder, celebre comico das fitas animatograficas.

= No Gerez houve chuvas torrenciaes que produziram grandes prejuizos. Uma padaria foi arrasiada pelas correntes. Em Braga chegou a estar impedido o transito das ruas.

= Os galunos entraram na cantina do quartel de artilharia 1, roubando dinheiro, tabaco e outros objetos, tudo no valor de 300 mil reis, sem que as sentinelas dessem pelo caso.

REUNIÃO

Na passada terça feira, 1 do corrente, reuniram os distribuidores telegrafo-postaes desta cidade, afim de assentarem na melhor fórma de levar ao parlamento—quando ele aberto—uma representação dos distribuidores de 1.ª e 2.ª classe; afim de conseguirem mais um bocado de garantias a que teem jus.

Foi nomeado para presidir o sr. José Francisco Antonio Junior, que expoz á assembleia o motivo da reunião, sendo lida em seguida, pelo sr. Estevão Antonio da Silva Costa, a circular que depois de aprovada e impressa vae ser enviada a todos os colegas do paiz.

Como até á data não estivesse ainda nomeada oficialmente a comissão que devesse tratar dos interesses da classe, foi esta nomeada por meio de eleição e escrutinio secreto, recaindo a nomeação nos colegas Estevão Antonio da Silva Costa, Sebastião Diogo e Marcos J. de Matos, que ficaram constituindo a comissão e que da melhor vontade vão encetar os seus trabalhos.

Portanto camaradas e colegas!

A comissão, apresentando a ocasião de se publicar o relato da nossa reunião apela e pede unicamente a todos os colegas do paiz o seguinte:

União! União! afim de que este brado se faça ouvir entre todos os colegas que com boa vontade recorram mesmo ao sacrificio se tanto for preciso, para o bem estar da classe a que nos honramos de pertencer.

Aos distribuidores de 1.ª e 2.ª classe cumpre o estrito dever de se imporem à consideração dos poderes publicos, reclamando o que de direito e logicamente lhes pertence—, afim de prestarem à Patria os beneficios que ela reclama dos seus filhos mais dilelos.

Cumpre-nos, pois, unirmo-nos por indissoluveis laços de solidariedade e camaradagem. Não vivamos de braços cruzados observando a luta titanica dos acontecimentos; por toda a parte se deve clamar: União!União! apezar de, bem triste é dizê-lo! este brado só ter encontrado eco numa duzia de colegas que tudo teem sacrificado pelo bem estar da classe.

Portanto, colegas e camaradas!

Fora com o cancro venenoso que grassa na nossa classe, e viva a União dos distribuidores telegrafo-postaes!!

A Comissão

O MEU REGRESSO

A' noite, molestado de sofrer
Um dia todo inteiro de saudade,
Entro no quarto, e penso em descançar,
Em dormir um sono justo e singular.
Coloco o teu retrato ao pé de mim,
Sorrindo, emoldurado do marfim,
Com sorrisos de amor e de bondade,
Até me ver dormir... adormecer...

Que lá não é dormir, antes sonhar
Um sonho assim tão louco, um sonho lindo!
—E' meu anjo o teu retrato, é o meu dono;
Velando, é ele que me vigia o sono
E que me faz lembrar-te. A's vezes chamo-te,
Mas o teu retrato diz baixinho: «Eu amo-te,»
Batendo-me nos hombros e sorrindo,
Com desejos de que eu o vá beijar.

E beijo-o, mas depois .. torno a dormir,
A pensar que eras tu que me sorrias;
E gosto de viver nesta ilusão
Que me dá vida ao pobre coração!
Ainda em sonho, já de madrugada,
Vens tu beijar-me a bôca descerrada;
E acordo, e ouço então dizer: «Bons dias!»
E vejo o teu retrato a olhar, a rir...

«Bons dias!» lho respondo docemente,
E olho para ele, como quem vê
Um anjo divinal, a imagem querida
Que me transporta ao melhor ceu da vida!
Amor! Quanto eu dera se tu visses
Os meus carinhos todos, e as meiguices,
Com a louca ambição de que ele me dê
Um outro beijo, prolongado e quente!

E então, Amor, então é que é sentir-se
Quanto é bela uma vida de ilusões!
Foi fim, sentado já sobre o meu leito,
Pulsa-me o coração dentro do peito,
Incendido de amor e de saudade;
E acha que é estreita a imensidade
Dos ceus azues, do amor e das paixões,
Para seguir... voar... para expandir-se!

Ah! que feliz que eu sou, e como é grato
Imaginar-te sempre tal qual és!...
E sendo assim, não quero outras riquezas,
Tesouros, nada mais!... Essas belezas
Que os outros corações desejam ter,
Eu cá maldigo-as todas, podes crer,
Em troca de um olhar que tu me dês,—
Um sorriso, um olhar do teu retrato!

Com ele, sinto em mim a liberdade
Do sorrir e dizer que sou feliz.
E como é doce, meu Amor, sonhar
Aquilo que se quer e se bemdiz!

Com ele, toda a vida se transmuda
Num sonho de poeta bem sonhado,
Que nos lembra os encantos do futuro,
E suavisa as agruras do passado.

Um beijo santifica-me a existencia,
Como aos crentes o tribunal de Deus.
Que seria, Amor, se, em vez do teu retrato,
Beijasse a propria carne, os labios teus?!

Se o beijo, lá vas outro e outro beijo,
Afogados em ondas de prazer;
Sendo que um beijo me valesse a morte,
A mim não se me dava de morrer.

João Pedro de Sousa

RINDO

Era uma vez um *Quizumba*
Que veiu lá do sertão,
Para descompor toda a gente
Por conta de Dom Falcão.

Depois que caiu Rosalis,
Veiu Paulino Gaiteiro,
Beiço Rachado, seu aio,
Quizumba seu escudeiro,

Dom Paulino era travesso,
Um Paulino repontão,
E tomou por conselheiro
O *bujamé* do sertão.

Fez-se o preto *jornalista*,
E começou a escrever
N'um *papel regionalista*
Que ninguem já pode ver.

Mas *Quizumba*, acostumado
A's *garreias* do sertão,
Esturrou tanto o guisado,
Que poz tudo em confusão.

Fio de Azeite.

FILOSOFIA PRATICA

PENSAMENTOS

Se o detentor do solo enriquece com a miseria dos camponezes o mesmo acontece com o industrial.

Kropotkine.

O reconhecimento é a primeira necessidade de uma alma bem formada.

Livry.

A disposição para os nobres sentimentos é em muitas naturezas uma planta dedicada, que facilmente murcha pelas influencias hostis.

Mauklay

A mulher formosa agrada aos olhos; a mulher bôa agrada ao coração; a primeira é uma joia; a segunda é um tesoiro.

Napoleão I.

O amôr é o deus que tem mais adoradores.

Ovidis.

A verdadeira eloquencia zomba da eloquencia.

Pascal.

Um louco, um namorado e um ebrio são os tres animaes mais perigosos da creação.

Quevedo.

O homem passa a vida a raciocinar sobre o passado, a lamentar o presente e a tremer pelo futuro.

Rivarol.

As aguas furtadas e os deleites proibidos são mais doces; o pão roubado ou escondido tem mais sabôr.

Salomão.

O rico nem sempre é sabio, mas o sabio é sempre ricó.

Thales.

DEPOIS

Camões, voltando a Portugal, um dia
Foi ver essa janela rendilhada,
Onde aos beijos da lua aparecia,
Nos bons tempos de amor, a sua amada.

E triste, em frente da janela fria,
Como um baixel ao sopro da nortada,
O poeta soluçava e estremecia,
Olhos no chão e fronte anuviada.

Isto foi ha tres seculos; no entanto
Os corações de agora andam cobertos
Da mesma dor, das mesmas comoções.

Ah! quantos poetas, em amargo pranto,
Não choram hoje, nos balcões desertos,
Do mesmo modo que chorou Camões!

Eugenio de Castro.

FIANDEIRA

Fazes bem mal, fiandeira,
Em fiar de noite e dia
Essa linhagem grosseira!

Mal empregada canceira
Que tem na vida quem fia!

Eu fui tambem fiandeiro;
Fiava ternos enidados
Em vez de linho trigueiro...
Fez-se-me a roca em bocados
E já não sou fiandeiro!

Passava os dias fiando;
E só tristezas e dores
Ia no fuso enrolando...
Ai, antes no linho brando
Do que fiar em amores!

Chega-se ao cabo do dia
E a roca por espiar,
Sempre da mesma maneira!
E vem depois a canceira,
E acaba a gente a chorar
Sobre a mortalha que fia.

Mal empregada canceira
Que tem na vida quem fia!...

João Saraiva.

POR ESSE ALGARVE

Loulé

Reuniram-se conjuntamente em casa do sr. José da Costa Ascensão, as comissões politicas de todo o concelho de Loulé, afim de apreciarem e deliberarem sobre um oficio da comissão politica do Centro Democratico de Lisboa, acerca da formação em Loulé de um Centro Democratico, e sobre uma carta escrita pelo sr. Augusto José Vieira, a mandado do ilustre esladista dr. Afonso Costa, ácerca da inauguração do referido centro pelo mesmo ilustre estadista, que deverá chegar a esta vila por toda esta quinzena, onde lhe será feita uma grandiosa manifestação de simpatia por parte de todos os patriotas louletanos.

A' reunião assistiram todas as comissões politicas do concelho, a qual foi presidida pelo insigne presidente da comissão municipal, secretariado pelo cidadão Manuel Francisco Contreiras Junior, secretario da comissão de S. Clemente e correspondente do *Heraldo*.

Ficou assente e votado por unanimidade de todos os presentes, que se organisasse o Centro Republicano Democratico de Loulé, afim de ali receber todos os republicanos democraticos e bem assim todos os cidadãos que não tiverem politica—mas que sejam honestos, republicanos e patriotas.

Tudo correu na melhor ordem, não havendo senão que louvar o zelo de que tem dado provas o nosso correligionario sr. José da Costa Ascensão, a quem foram dispensadas todas as deferencias e considerações.

—Faleceu no dia 20, a esposa do nosso correligionario sr. José da Costa Assensão, digno presidente da comissão municipal republicana de Loulé.

A desolitosa senhora faleceu após uma longa enfermidade, que a vinha minando. Deixa na orfandade cinco filhos menores.

—Consorciou se na quarta-feira ultima o nosso amigo sr. Santiago Romero, com a sr.ª D. Maria Barros Vasques.

Pró patria

(Nucleo de Faro)

Ficam por este meio convidados a incorporarem-se no cortejo civico d'hoje todos os socios d'esta patriotica associação.

O agente e representante.
J. D. L.

É TÃO FACIL CONSERVARSE DE SAUDE!

Se conseguirdes o remédio proprio para o caso, e o applicardes promptamente, evitareis que a molestia se torne mais séria do que o necessario. Tomando immediatamente o caminho para a cura, claro está que vos poupaes muito soffrimento e incommodo, alem de despeza inevitavel ao tratamento. Tomae, por exemplo, o abatimento que se segue a uma febre. Tratado devidamente no seu principio, podeis sustal-o e cural-o, quando, com um tratamento errado, vae de mal para peior.

Eis-aqui um caso que o comprova:

Tendo adoecido com as

febres infecciosas,

minha filha Maria Caetana, de 3 annos de idade, depois de ellas terem desapparecido, ficou muito fraca. Foi-me aconselhada para seu restabelecimento a

Emulsão de SCOTT,

sendo certo que se acha completamente

restabelecida

do estado de fraqueza em que se encontrava; está forte, tem bôas côres e come com appetite, tudo devido á Emulsão de Scott. (a) Domingos José Soares, Tavira, 25 de Fevereiro de 1910, Rua da Borda d'Agua de Aguiar.

A cura propria, em todos os casos de abatimento, a mais rapida e a melhor, está na Emulsão de Scott. Se qualquer pessoa da vossa familia soffre de abatimento, procurae a Emulsão de Scott, que é sempre o que o vosso medico aconselha quando é consultado. Se fizerdes uso da Emulsão de Scott, resultará d'ahi a cura do vosso abatimento; mas tem de ser a Emulsão de Scott, visto que não ha outro preparado que tenha um archivo de curas comparavel com o que a Emulsão de Scott tem registado em todos os paizes civilizados. Se padecerdes de abatimento, procurae hoje mesmo a Emulsão de Scott. Esta Emulsão cura o abatimento sendo tomada promptamente, em qualquer epocha da vida. Cura-o nos novos, nos velhos e nos de meia idade.

NOTA: Apezar do Imposto de Sello de 50 reis por cada frasco, todas as Pharmacias e Drogarias vendem a Emulsão de SCOTT aos preços antigos, a saber: 500 reis meio frasco e 900 reis frasco grande.
AMOSTRA gratuita, contra 200 reis para franquia, obtem-se dos Snrs. James Cassels & Cia., Succs., Rua do Mousinho da Silveira, 85, 1º Porto.
Exigir sempre a Emulsão com a marca — o homem do peixe — que significa o processo SCOTT.

EXPLICADOR

José Joaquim Lampreia Gusmão, com larga pratica de ensino e ex-professor do liceu de Beja, explica portuguez, francez e latim.

Para tratar, na rua Rebelo da Silva, proximo da redação do *Heraldo*, desde as quatorze ás dezesete horas.

Talassismo em ação

Enquanto em Lisboa o povo republicano presta homenagem aos martires da revolução, como foram o almirante Candido dos Reis, Miguel Bombarda e outros, os reacionarios louletanos festejam *S. Francisco* com cantorolas, foguetes e nojentos repiques de sinos.

Dirão os leitores:—ora, é costume festejar-se por este meio o S. *Francisco*, e por isso, que culpa teremos nós de que a coincidencia se dê no dia de hoje?

—Mera fantasia! Mas teem vocês, reacionarios, a culpa? A culpa tem-na alguem, a quem compete pôr cobro a tal abuso. E' verdade que é de lei dar-se licença de atirar foguetes e tocar sinos, mas verdade é tambem, quando mais não fosse, por dever de consciencia de liberaes e em plena Democracia, que em Loulé, na hora em que todo o paiz se curva tristemente perante a homenagem merecida e prestada áqueles queridos mortos, se não devia consentir que repicassem os sinos e estrelejassem foguetes no ar, em homenagem não merecida ao aniversario do *S. Francisco* carunchoso, um bocado de pau que utilidade nenhuma tem a não ser para dar fôgo a qualquer forno de cal, etc.

Não se diga agora, leitores—que Loulé será sempre Loulé—não! O Povo louletano, na sua maioria, não merece tal referencia, porque aqui ainda *quem tudo lo manda* é a paulinetada da Cova da Onça, que ha-de ser sempre o conficionario dos cagarotas sem consciencia.

AUTOMOVEL NOVO

Aluga-se. Trata-se com Armando Ignacio Pires.

Rua Primeiro de Dezembro 52—Faro.

CANDIDO DE SOUSA

Formado pela Escola de Lisboa e com os cursos especiaes de Higiene, Oftalmologia e Balneiologia

CLINICA GERAL, OPERAÇÕES

Especialidades: Doenças dos olhos, boca e dentes
Dentes artificiaes

CONSULTAS TODOS OS DIAS, EXCETO AOS DOMINGOS

RUA DE SANTO ANTONIO, 6
FARO

TRESPASSE

Por motivo do seu proprietario Antonio dos Santos Capela, ter montado um novo estabelecimento de livraria na rua da Marinha, onde espera que os seus freguezes continuem a admirar as belas obras que tem para vender e alugar, trespassa-se o Kiosque, situado no jardim publico d'esta cidade (antigo Kiosque das Novidades).

Quem pretender, dirija-se á Livraria das Novidades, rua da Marinha, n.º 155, Faro.

ESTUDANTES

Recebem-se. Bom tratamento e preços modicos.

RUA BRITES DE ALMEIDA
Travessa do Montelavar, n.os 6 e 8
FARO

ESTUDANTES

Recebem-se do 1.º e 2.º ano. Cama, meza e roupa lavada. Aceio e bom tratamento; preço modico.

Quem pretender, dirija-se a Manuel Luiz Martins, estrada da Circumvalação, n.º 50, Faro.

A VELOCIDADE

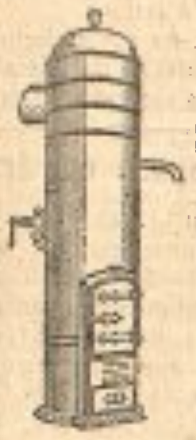
Casa de bicicletas e maquinas de costura

ALUGA E VENDE

DOMINGOS ANGELO

RUA TENENTE VALADIM
(*Vulgo Travessa dos Cavalos*)
FARO

LATOARIA PONTE



Sucessor de JOÃO F. X. da SILVA REIS

CASA FUNDADA EM 1889

R Conselheiro Bivar, 3—Avenida da Republica, 2

FARO

Especialidade em esquentadores para banho, em cobre polido, sistema francez, o melhor, mais economico e perfeito que até hoje tem aparecido.

Manufatura de gazometros e candieiros para gaz acetilene, dos mais praticos e perfeitos. Encarrega-se da montagem dos mesmos em qualquer terra da provincia.

Especialidade em bombas de todas as qualidades as quaes se vendem pelos preços das fabricas.

Instalações completas para agua, em tubo de chumbo ou de ferro.

Especialidade em autoclismos inglezes em ferro fundido, sem valvula, de efeito seguro.

Especialidade em ferros de soldar a gazolina, sistema alemão, o melhor e de maior resistencia até hoje conhecido.

Torneiras de latão de todas as qualidades, folha de flandres, zinco, ferro zincado, tubos de chumbo, de latão e de ferro, em todas as grossuras, latão e cobre em folha. Estes artigos vendem-se a retalho ou em quantidade, a

PREÇOS SEM COMPETENCIA

A FILHA DO DIVORCIO

Romance parisiense de maior interesse na atualidade, por um dos mais afamados escritores francezes e ilustrado com magnificas gravuras francezas.

Está em publicação pela acreditada casa editora *Belem & Cª Succ. Lisboa.*

Brindes aos srs. assinantes: uma estampa em cromo com um assunto de grande novidade.

Caderneta semanal de duas folhas, 16 paginas, 20 réis. Tomo quinzenal ou mensal de 10 folhas, 100 réis.

As expedições serão feitas em cadernetas de 20 réis ou em tomos de 100 réis, sendo o porte á custa da empreza, a qual não fará segunda expedição sem ter recebido a importancia antecedente.

PORTUGAL PREVIDENTE

Companhia de Seguros

CAPITAL 1.000:000$000

SEGUROS DE VIDA (TODAS AS COMBINAÇÕES)

Seguros contra fogo
Seguros maritimos
Seguros de cristais
Seguros contra roubos
Seguros postaes
Seguros agricolas

AGENCIAS EM TODO O PAIZ E COLONIAS

Séde—Rua do Alecrim, 10—LISBOA

AGENCIA EM TAVIRA

PHARMACIA CUNHA 181

HOTEL MARCELLINO & ALGARVIO

PROPRIETARIOS

JOSÉ MARCELLINO & TAXINHA

RUA DA PADARIA, 52 58—LISBOA

Comida e cama a 800 e 1$000 réis. Camas a 200 e 300 réis

Biblioteca de Educação Nacional

AS MENTIRAS CONVENCIONAES DA NOSSA CIVILISAÇÃO

A PSICOLOGIA DAS MULTIDOES

O QUE É O SOCIALISMO -- O ANARQUISMO

LEIS PSICOLOGICAS DA EVOLUÇÃO DOS POVOS -- CRISTO NUNCA EXISTIU

AVULSO—cada volume brochado 200 réis e encadernado 300 réis.

Tipografia Democratica

RUA 1.º DE DEZEMBRO -- FARO

IMPRESSÕES A CORES E OURO

N'esta casa, aberta recentemente, imprimem-se com a maior perfeição e brevidade, e por preços excessivamente baratos, todos os trabalhos tipograficos, tais como: faturas, memorandos, prospetos, bilhetes de visita, modelos de repartições, folhetos, rotulos de farmacia, etc., etc., etc.

IMPRESSÃO DE

LIVROS E JORNAES

N'este estabelecimento, que é sem duvida o melhor do Algarve, encontram se á venda varias qualidades de papel de carta, quer ordinario quer de luxo, papel de oficios, cartonado, almaço, etc., tambem por preços

SEM COMPETENCIA

VARIEDADES DE BILHETES DE VISITA

ESPECIALIDADE EM PAPEIS TIMBRADOS E PARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO

ARTE

Revista literaria e cientifica de que é Diretor MARQUES ABREU

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua de S. Lazaro, 310 -- PORTO

CONDIÇÕES DE ASSINATURA (Pagamento adiantado)

Portugal e Colonias (Um ano) Porto, 1$440 réis; Provincias, 1$500 réis avulso, 120 réis.

Brazil (moeda forte) (um ano) Pelo correio, 1$700 réis.

Para venda avulsa, o preço é fixado pelos nossos correspondentes.

F. S. SILVEIRA

ANTIGA CASA VIUVA SERZEDELO

Drogas e produtos quimicos, para farmacia e industria

IMPORTAÇÃO DIRETA

16 -- RUA DOS REMOLARES -- 18

LISBOA

LABORATORIO DE FARMACIA

BANDEIRA & RAMOS

DIRETORES PROPRIETARIOS — FARMACEUTICOS PELA ESCOLA DE LISBOA

SUCESSORES DA ANTIGA FARMACIA PIRES

FUNDADA EM 1805

RUA D. FRANCISCO GOMES, 40, 42 E 44

FARO

SECÇÃO ESPECIAL DE VENDAS POR ATACADO

A PRASOS E A PRONTO PAGAMENTO

Expedição de qualquer encomenda com a maior brevidade

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

IMPORTAÇÃO DIRECTA

de artigos de Farmacia, Drogaria e Fotografia, das mais acreditadas casas — Grande deposito de especialidades nacionaes e estrangeiras, objectos de borracha, cautchouc, fundas, irrigadores, escovas e perfumarias

FABRICO ESCRUPULOSO DE EXTRATOS FLUIDOS

Fornecimento para Farmacias, Hospitaes e Laboratorios

Tisana de Zittmann, formula modificada do dr. Constantino Cumano

Unicos agentes depositarios no Algarve das

AGUAS DE VIDAGO — (Vidago, Vidago n.º 2 e Sabroso)

AGUAS DE S. VICENTE (Entre-os-Rios), DA CURIA E DE VERIM (Espinho)

PREÇOS MODICOS

REMEDIO CONTRA LOMBRIGAS (Vermifugo Braga)

E' um remedio que se recomenda por si, e que com motivo justificado se pode chamar — **A saude das creanças.**

A SIFILIS É EVITAVEL

COM A POMADA HERMESIL

Preventivo contra as doenças venereas, ainda que empregado 5 horas depois do coito suspeito.

Aos revendedores e maiores compradores [illegible]

[illegible]

Tinturia Lisbonense

ALBINO AUGUSTO

TINTUREIRO

Chegado ha pouco de Lisboa, onde durante 18 annos exerceu a sua profissão, tendo sido mestre de varias tinturarias d'aquella cidade, encarrega-se de tingir seda, lã e algodão em todas as côres; tingem-se capos de borracha pelo systema alemão, peles, roupas d'homem e vest[illegible] senhora sem que seja preciso desmanchal-os. Fazem-se lavagens especiaes em vestidos, fr[illegible]dos de [illegible]vas, assim como lavagens a seco em toda a especie de roupas.

Tinge-se tambem fazendas em peça e fio lava-se lã para colchões, executam-se, e[illegible] trabalhos de tinturaria com a maxima perfeição e rapidez. Todas as roupas, por ma[illegible]fim todos os [illegible] usadas que sejam, ficam perfeitamete novas.

[illegible] — Pronto para tudo em 48 horas

RU C STILH C 58 -- FARO

LIVRARIA DAS NOVIDADES

DE ANTONIO DOS SANTOS CAPELLA

AGENCIA DE PUBLICAÇÕES LITERARIAS

RUA DA MARINHA N.º 15 -- FARO

Fornecimento completo de livros necessarios em todos os colegios e liceus